

## 5

### Considerações finais: o legado de Saladino e de seu tempo

Na trajetória percorrida atrás das apropriações originárias da imagem do sultão *al-Malik an-Nasser* Yussef Saladino, percebemos algumas possíveis ligações semânticas entre o passado medieval e sua instrumentalização no presente.

Líder virtuoso para um povo humilhado e expropriado de suas terras; muçulmano fervoroso, apaixonado por sua fé; guerreiro vitorioso, que conquistou a maioria das batalhas que travou; abençoado pela sorte – são estas algumas características do mito saladinesco que possibilitaram a sua reapropriação no presente por líderes tão distintos como Abdel Nasser, Saddam Hussein, Yasser Arafat e Osama bin Laden. Com todas as diferenças entre as doutrinas e projetos que estes homens representam, há um fator que os une: o discurso sobre a restauração de um passado glorioso e a nostalgia de uma época em que o Islã era a potência do mundo. As virtudes de liderança e heroísmo de Saladino funcionam em nosso tempo como motivação política. Se Saladino mandou Ricardo de volta para sua casa, por que não poderiam os pretensos saladinos expulsar os sionistas, os imperialistas e os infiéis do ocidente? O mito popular, nesse caso, alimentou a propaganda política, que reforçou o mito popular.

Entretanto, podemos perceber que possivelmente nenhum desses líderes está à altura do sultão medieval. Faltam-lhes o imenso carisma e o respeito profundo de seus adversários. Saladino tornou-se um mito, um exemplo de cavalheirismo no ocidente, figura modelar que talvez o mundo político atual impossibilite que tenhamos alguém semelhante em virtude. A autoridade de Saladino é dupla, de acordo com a concepção weberiana<sup>1</sup>. Sua autoridade é tradicional, pois é reconhecida em nome de considerações concretas da ordem política e militar: o sucesso dinástico na condução da guerra. Mas sua autoridade é também do tipo carismático, pois estabeleceu com seus governados uma ligação direta, legitimada

---

<sup>1</sup> Cf. WEBER, *Economia e Sociedade*.

por suas características excepcionais. A autoridade carismática, para Weber, possui um viés revolucionário, pois coloca-se contra um aspecto estabelecido da sociedade. No caso de Saladino, ele representou a possibilidade de superação dos interesses particularistas em direção à uma unidade universalista, de acordo com a moral e a religião de sua época. Seus atos benevolentes reforçavam as conquistas militares e insuflavam o entusiasmo do exército. Não se pode dizer o mesmo de alguns líderes contemporâneos.

Lembremo-nos, por exemplo, que o ex-presidente Sírio Hafez Assad<sup>2</sup>, o mesmo que discursou enaltecendo Saladino e sua vitória em Hittin, foi o responsável pelo massacre de Homs, em 1982. Esta cidade, liderada pelos radicais da Irmandade Muçulmana, grupo de oposição ao governo, foi atacada com tanques, artilharia e bombardeios aéreos, seguidos de demolidores para destruí-la. Segundo a Anistia Internacional, entre 15 e 25 mil pessoas pereceram. Ou ainda, Saddam Hussein, que comparava-se a Saladino e a Nabucodonosor, atacou a população curda (a etnia de Yussef Ayyub) com armas químicas, na década de 1990, matando centenas de milhares e ferindo muitos outros. Entretanto, vimos *al-Malik* Saladino aliar-se com seus opositores xiitas, os Assassinos, e libertar prisioneiros *franj* gratuitamente. Neste sentido, não poderia haver maior distanciamento entre a imagem que ficou de Saladino para os homens de sua época e alguns ditadores do mundo árabe contemporâneo.

Uma das razões para o sucesso da carreira política e do mito de Saladino foi a sua capacidade de tolerar o outro. O universalismo que seu governo representou não excluía a heterogeneidade presente no contexto social de sua época. Todos tinham algum lugar naquele mosaico de identidades. Cristãos orientais e *franj*; sunitas e xiitas; judeus; turcos; armênios; árabes; curdos – nenhum desses grupos foi alvo de repressão sistemática ou perseguição. Os únicos verdadeiros adversários eram aqueles *franj* mais agressivos e fanáticos, enquanto os *franj* arabizados podiam converter-se em possíveis aliados.

A repressão política, a intolerância religiosa e o controle e a rigidez dos costumes não são, decerto, invenções medievais; estas tendências são

---

<sup>2</sup> Cf. p. 116.

provavelmente muito mais fortes atualmente do que nos tempos em que o mundo islâmico representava a cultura mais civilizada do mundo.

Talvez o maior dos feitos de Saladino tenha sido a capacidade a agregar de forma eficiente a moral aos fins políticos. A prática de seu governo afastou-se das práticas mundanas e seculares das cortes de seu tempo. Podemos levantar a hipótese de que a ênfase em seus valores morais era o único fator de aglutinação política em torno de si. Vimos anteriormente exemplos de como, na prática, o controle que exercia sobre seu exército era relativo e às vezes precário. Por trás da aparente união, prevalecia no fundo uma ausência de instituições estáveis e de um sistema administrativo coerente a médio e longo prazo. Após a morte do sultão, seus familiares guerrearam entre si por dois anos, até emergir a figura de seu irmão, al-Adel. Nos anos seguintes, os territórios dominados pela dinastia ayyúbida formaram, na prática, uma espécie de liga entre cidades e regiões autônomas, governadas por membros da mesma família.

Neste sentido, segundo Amin Maalouf, o mundo muçulmano encontrava-se em desvantagem perante os *franj*. No ocidente medieval ocorria um gradativo processo de consolidação da autoridade real e o início da formação de Estados centralizados e administrados por um corpo de funcionários, representantes da autoridade real. A sucessão real passou a ocorrer geralmente sem grandes choques ou mudanças. O próprio fenômeno das cruzadas é um indicador da renovada capacidade européia nos planos político, militar, econômico e demográfico. Os séculos XI - XIII são considerados pela historiografia como anos de expansão e crescimento da cristandade.

Ao mesmo tempo, nas terras islâmicas, apesar de todo o refinamento e alta cultura, grassava a instabilidade política. Segundo Maalouf<sup>3</sup>:

Toda monarquia era ameaçada com a morte do monarca, toda transmissão de poder provocava uma guerra civil. É preciso atribuir a total responsabilidade desse fenômeno às sucessivas invasões, que colocavam em causa a própria existência do governo? É preciso incriminar as origens nômades dos povos que dominaram essa região, quer se trate dos próprios árabes, dos turcos ou dos mongóis?

---

<sup>3</sup> MAALOUF, *As Cruzadas vistas pelos árabes*, p. 242.

Podemos considerar que, apesar da expulsão final dos cruzados no século XIII, as cruzadas foram eventos que beneficiaram o ocidente de diversas maneiras. Os *franj*, para conseguirem viver no oriente, aprendiam a língua e tradições culturais dos árabes, incorporando-as em seu patrimônio técnico e cultural. Na Síria, na Espanha ou na Sicília, principais regiões islâmicas alvo das expedições cruzadas, os *franj* adaptaram os conhecimentos adquiridos pelos árabes. A própria herança da civilização grega, esquecida no ocidente, foi reintroduzida pela via árabe. Técnicas e ciências de todos os tipos – medicina, astronomia, química, geografia, matemática, arquitetura, a fabricação do papel, do açúcar e do álcool, os têxteis, a navegação – poderíamos citar muitos outros exemplos. O Brasil, indiretamente, herdou muitas destas tradições ao serem colonizados pelos ibéricos que haviam apenas há poucos séculos conquistado suas terras do controle da civilização islâmica.

Entretanto, para o mundo muçulmano as cruzadas foram apenas mais uma de muitas agressões sofridas durante a denominada Idade Média do Islã. Turcos, *franj*, e depois deles, os mais agressivos de todos – os mongóis. As principais cidades do Islã foram destruídas e saqueadas, a economia e o comércio deprimiram-se com a confusão reinante. Durante os séculos XIII e XIV, as agressões chegam ao auge, e não há governo estável em praticamente lugar algum. Quando finalmente, no século XV, surgem novas potências e um quadro político mais estável, a partir da formação dos impérios Otomano (sunita, no Oriente Médio e norte da África), Safávida (xiita, na Pérsia) e Mughal (império multicultural na Índia), a civilização do Islã já é outra. Renovou o seu poderio militar e político, mas em muitos aspectos fechou-se culturalmente sobre si mesma, um espírito defensivo religioso e anti-investigativo passa a dominar o cenário cultural islâmico.

Enquanto durante os séculos da modernidade o Ocidente avançou no conhecimento científico e técnico, acabando por dominar praticamente todo o mundo no início do século XX, os impérios muçulmanos tenderam à uma decadente estabilidade e imutabilidade. As estruturas sociais e políticas do Império Otomano no início do século XIX eram praticamente as mesmas desde o final do século XVI.

No final da I Guerra Mundial, quando as tropas inglesas voltam à Terra Santa pela primeira vez desde o rei Ricardo, este fato não passou despercebido, e foi sentido como uma revanche por alguns. Os bárbaros do passado passaram a apresentar-se como superiores, pelo menos nos métodos militares e científicos. Ficou para o mundo islâmico o dilema de adotar ou não os métodos, a cultura e o pensamento de seus dominadores.

Adotar a modernidade e seu poderio técnico sem perder a identidade histórica e cultural – este é o principal desafio do mundo islâmico contemporâneo. Entretanto, a oscilação entre valores bárbaros e civilizados ocorre em todas as culturas e sociedades contemporâneas – também os brasileiros não escapamos da dicotomia entre barbárie e civilização.